

## Diagramando a cidade informal: o conflito entre o ideal e o real no trabalho de Jorge Mario Jáuregui

*Diagramming the informal city: the conflict between the ideal and the real in the work of Jorge Mario Jáuregui*

*Diagramando la ciudad informal: el conflicto entre lo ideal y lo real en el trabajo de Jorge Mario Jáuregui*

SANCHES, Malu Magalhães

Mestrando, PPU-Universidade Estadual de Londrina, malu.msanches@hotmail.com

DUARTE, Rovenir Bertola

Doutor, Universidade Estadual de Londrina, rovenir@uel.br

MOTOMURA, Sérgio

Mestrando, PPU-Universidade Estadual de Londrina, sergiomotomura@gmail.com

### RESUMO

Este artigo trata de uma investigação sobre a apreensão gráfica do espaço urbano informal. Buscamos entender como os arquitetos podem, a despeito de seus meios de representação baseados na forma, cartografar informalidades por meio de diagramas. Analisamos os registros diagramáticos do arquiteto Jorge Mário Jáuregui, realizados nas suas intervenções urbanísticas e arquitetônicas nas favelas do Rio de Janeiro, a partir de um quadro com sete características advindas da filosofia de Gilles Deleuze sobre diagramas. Ao estudarmos este mecanismo diagramático, buscamos discutir meios de cartografar o espaço urbano informal comprometido com a realidade concreta emergente e, assim, entender seu potencial no projeto arquitetônico.

**PALAVRAS-CHAVES:** diagrama, cidade informal, Deleuze.

### ABSTRACT

*This article deals with an investigation into the graphical apprehension of the informal urban space. Despite of architectural representation normally based on form, we seek to understand how architects can map informalities with diagrams. We analyze the diagrams of the architect Jorge Mário Jáuregui accomplished in his urban and architectural interventions in the slums of Rio de Janeiro. This inquiry is based on a table with seven characteristics derived from the Deleuzian philosophy on diagrams. In studying this diagrammatic mechanism, we hope to discuss ways of mapping the informal urban space committed to the emerging concrete reality and, thus, to understand its potential in the architectural design.*

**KEY WORDS:** diagram, city informal, Deleuze

### RESUMEN

*Este artículo trata acerca de una investigación sobre la aprehensión gráfica del espacio urbano informal. Buscamos entender cómo los arquitectos pueden, a pesar de sus medios de representación basados en la forma, mapear las informalidades con diagramas. Analizamos los registros esquemáticos del arquitecto Jorge Mário Jáuregui, realizados en sus intervenciones urbanas y arquitectónicas en las favelas de Río de Janeiro, desde una tabla con siete características derivadas de la filosofía de Gilles Deleuze sobre diagramas. Al estudiar este mecanismo esquemático, discutimos formas de cartografiar el espacio urbano informal comprometido con la realidad concreta emergente y, por lo tanto, comprender su potencial en el diseño arquitectónico.*

**PALABRAS CLAVE:** diagrama; ciudad informal; Deleuze.



## 1 INTRODUÇÃO

A cidade vive, como lembra Maricato (2000), o embate entre a “cidade oficial” e a “cidade real”. Por um lado, está a “cidade oficial” onde as regras e normas idealizadas definem sua formalidade, de outro lado, a “cidade real” que trata do que de fato podemos experimentar. Entre uma e outra emergem as informalidades, um tipo de cidade que não segue as tais idealizações que, em guerra diária com as normas e regras, acaba também por produzir a cidade que experimentamos.

A “cidade oficial” trataria das pré-existências, daquilo que os desenhos representam e idealizam mesmo antes deste existir, enquanto a informalidade da “cidade real” compõe as existências mais difíceis de serem cartografadas e entendidas. Este trabalho volta-se para ajudar entender como os arquitetos podem, a despeito de seus meios de representação baseados na forma, cartografar estas informalidades por meio de diagramas.

Para desenvolver esta investigação, tomaremos o trabalho diagramático do arquiteto Jorge Mário Jáuregui em suas intervenções urbanísticas e arquitetônicas nas favelas do Rio de Janeiro, no período entre 2003 e 2012. A razão desta escolha volta-se para o que Montaner (2017) chamou de “mecanismo diagramático” da prática de Jáuregui, como também, pela aproximação deste arquiteto ao pensamento do filósofo de Gilles Deleuze (JÁUREGUI, 2013; JÁUREGUI, 2019a; JÁUREGUI; VERAS, 2017).

O conceito de diagrama, no pensamento deleuzeano, busca abarcar meios de apreensão do informal (DELEUZE, 2005). A utilização deste tipo de diagrama vai ao encontro da necessidade de enfrentamento da realidade informal, pois é afeito a situações dinâmicas e complexas (KWINTER, 1998). Assim, ao estudarmos este tipo de diagrama, esperamos discutir meios de cartografar o espaço urbano informal, compreendendo a importância de refletir sobre as existências concretas e sua influência no processo de projeto. É importante destacar que os espaços como as favelas possuem características informais que podem ser veladas pelos sistemas tradicionais de representação arquitetônica, por trabalharem a partir de formas preconcebidas e idealizadas (LUTZONI, 2016), de modo que se torna necessário a investigação o tema.

Desta maneira, o objetivo deste artigo é entender como os diagramas de Jáuregui podem apreender a informalidade urbana, a partir da perspectiva filosófica deleuzeana sobre diagramas. O trabalho é organizado em quatro etapas: (a) conceituação de informalidade no urbano; (b) pesquisa sobre as características do diagrama deleuzeano e informalidade; (c) montagem de um quadro definidor deste diagrama (DELEUZE; GUATTARI, 2011, DELEUZE, 2005); e (d) análise gráfica dos diagramas de Jáuregui.



## 2 INFORMAL URBANO

A distinção entre os termos “formal” e “informal” é costumeiramente empregada para discutir, pensar e criticar as cidades, embora alguns autores apontem para a falta de consenso sobre o significado do segundo (D’ALENÇON et al, 2018; LUTZONI, 2016). Seguindo a Dovey (2013), o “informal” é inicialmente pensado como a transgressão dos códigos formais do estado em termos de posse de terra, planejamento urbano, projeto e construção. Nesta ótica, o papel do estado torna-se fundamental no ato de arbitrar sobre o que é informal, construindo e reconstruindo categorias de legitimidade e ilegitimidade (ROY, 2005). Assim, os espaços como as favelas tornam-se específicos por não incorporarem os regramentos, estruturas ou lógicas hierárquicas estatais, ou seja, suas constantes transgressões os tornam diferentes da “cidade formal”.

Este tipo de espaço possui uma imprevisibilidade intrínseca e procede por expansão não linear (JACQUES, 2000), de modo que sua informalidade pujante não cessa de produzir arranjos e alianças das mais diversas naturezas (social, ambiental, econômica). Não por acaso, McFarlane (2012) destaca que o termo informalidade pode ser pensado para o território urbano (ex. favela como informal); categorias particulares (ex.: trabalho informal); e formas de organização em geral (ex.: baseado em regra x “sem regra”; estruturada x não-estruturado; previsível x imprevisível).

Neste sentido, o que estamos conceituando como informal não se restringe apenas a ilegalidade, mas abrange qualquer espaço que apresente uma fuga à estruturação social, legal ou econômica. Em relação à caracterização da espacialidade da “cidade informal”, Jacques (2000), ao discutir sua dimensão estética, aponta para uma lógica fragmentária, labiríntica e rizomática, e nos leva a pensar como os códigos linguísticos arquitetônicos, empregados para compreender ou formalizar a cidade, conseguem trabalhar com sua informalidade. Essa reflexão nos direciona para o diagrama pensado por Deleuze.

## 3 DIAGRAMA E A MODULAÇÃO DO INFORMAL

Deleuze (2007) conceitua diagrama em oposição à definição do inglês Peirce, na qual este é tratado como um tipo de signo linguístico icônico, cuja relação com o objeto representado seria baseada em uma semelhança estrutural interna. Para Deleuze (2007), definir diagrama com base na reprodução de uma semelhança, até mesmo de relação interna à forma, seria insatisfatório (DELEUZE, 2007). O filósofo francês opta pela ideia de modulação no lugar da representação de semelhanças formais.



Assim, modularíamos a realidade para nos desvincular de qualquer tipo de dependência com o que já tem forma definida, ou que já nos é reconhecível formalmente.

A ideia de modulação vem do pensador Gilbert Simondon que, em contraste com matrizes binárias (do isso ou aquilo), propõe uma linguagem capaz de pensar a variação contínua da forma (informal) ao invés de assumi-la como um equilíbrio estável (formal). De modo simplificado, essa operação evitaria as “analogias comuns”, tanto a do tipo “molde externo” e suas representações de semelhanças da forma aparente (como uma fotografia), quanto a do tipo “molde interno”, que repetiria as semelhanças das relações internas (como a estrutura de um esquema de árvore). Assim, a “analogia estética”, ou seja, por modulação, se daria pelo registro do que é informal, de forças infraestruturais que informam a forma, produzindo, por sua vez, uma imagem sem semelhanças com as formas aparentes ou estruturais.

Em resumo, o diagrama seria um modulador do que ainda não tem forma (DELEUZE, 2007), e por conseguinte, poderia auxiliar a captar a cidade informal, imprevisível e não linear, e suas citadas fugas às estruturações legais, sociais e econômicas.

#### 4 CARACTERIZAÇÃO DO DIAGRAMA DELEUZEANO

Deleuze (2005), em seu livro sobre Foucault, apresenta o diagrama como uma dimensão informal que se estende por todo campo social, uma máquina abstrata que não cessaria de mesclar matérias não formadas e funções não finalizadas. O diagrama não trataria de algo pré-existente, como uma estrutura subjacente a forma ou uma forma idealizada, mas sim como um problema constituído por um complexo de forças informais, fluidas e que não param de se movimentar.

Nesse sentido, é preciso compreender o diagrama como um *intermediário* que deveria atuar entre o já-visto, já-pensado, ou seja, aquilo cuja forma reconhecemos; e de algo que é produzido e que se apresenta de maneira diferente, nunca antes visto. Sob essa perspectiva, devemos pensar a atuação do diagrama como destruição “controlada” do que reconhecemos: caos-gérmen (DELEUZE, 2007, p.90). Caos porque destrói os dados de reconhecimento e assim abre para o informal (ainda não formado e reconhecível); e gérmen, porque deve assegurar que uma nova forma saia no final do processo.

Deleuze (2007), a partir da pintura, destaca que não *diagramamos* para retratar o mundo através de formas já conhecidas, mas para destruir as representações e captar o não reconhecido. Contudo, este



filósofo não delimita claramente características do diagrama passíveis de serem expressas graficamente. Para o presente trabalho, procuramos na bibliografia deleuzeana características ligadas à informalidade e ao caos, que não imporiam ordens preexistentes ao observado; ou seja, procuramos traços que não delimitem ou estruturam previamente o pensamento.

Do livro de Deleuze sobre pintura extraímos três características (DELEUZE, 2007):

- 1. Traço/mancha manual (em oposição à linha/cor visual):** Podemos pensar esses pares conceituais como uma tensão entre o olho e a mão. Linhas e cores seriam o produto de uma mão que se deixa guiar pelas coordenadas visuais e, assim, produzem contornos e limites precisos, estabelecem códigos ópticos, privilegiando a reconhecimento do já formado ou a substituição do diagrama pelo código. Os traços e manchas, por sua vez, não estariam subordinados às coordenadas visuais, mudariam de direção a cada momento, não delimitariam exterior ou interior, mas compreenderiam nuances e tonalidades. A mão se libertaria do olho, trazendo o que existe de inconsciente ou acidental, privilegiando a apresentação do informal e, por conseguinte, do diagrama;
- 2. Manual/ gestual (em oposição aos instrumentos de precisão visual):** o diagrama possui um caráter essencialmente manual, o que implica que só uma mão solta, liberta da subordinação às coordenadas visuais pode traça-lo; ou seja, uma vez que a mão já não se guia pelos dados visuais, produz o caos. É a potência da mão, que animada de uma vontade estranha, impõe-se ao olho, liberando o gestual e a fluidez;
- 3. Linguagem analógica (em oposição à linguagem digital):** A linguagem analógica opõe-se a linguagem digital e seu funcionamento através do código. Assim, se quando olhamos para os registros gráficos não conseguimos designar ou decifrar o que foi apreendido, é devido ao fato de não possuímos o código (regra) que está por trás de tal forma. Desta maneira, estabelecemos uma relação de dependência com o registro gráfico, o que denota, por sua vez, a presença de um diagrama que atuaria modulando o que é informal, aquilo cuja regra da forma é ainda desconhecida.

Do livro Mil Platôs (2011), escrita conjunta de Deleuze com Félix Guattari, retiramos mais quatro características de sua teoria das multiplicidades:

- 4. Linha enlouquecida (em oposição à linha subordinada ao ponto):** O sistema de pontos e posições caracterizariam pensamentos que buscam a estrutura fixa da forma. O ponto



indicaria fixitude, ordenamento. Em oposição, a linha englobaria o tempo, a duração; o ponto se transformaria em linha na medida em que ganha velocidade. Assim, deveremos procurar por linhas que não estão subordinadas ao ponto, que não sejam somente ligações localizáveis entre pontos estruturais, mas linhas que metamorfoseiem, conectem dimensões distintas e sejam tortuosas, na medida que rompem com o formal;

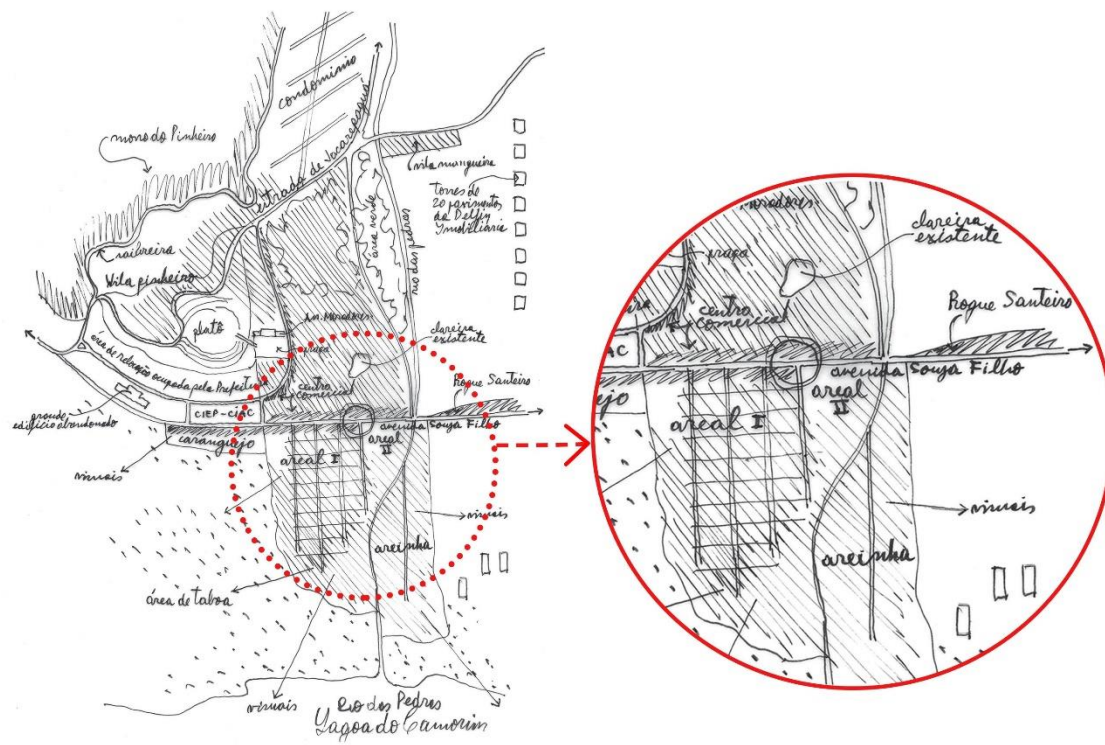
5. **Mapa (em oposição ao decalque):** O decalque seria uma espécie de fotografia, ou desenho, que parte de formas já reconhecidas, reproduzindo pontos de estruturação, injetando redundâncias e as propagando. O mapa, ao contrário, não seria uma reprodução, mas uma construção, produzido a partir de uma experimentação ancorada no real. Suscetível de receber modificações constantemente, poderia ser rasgado, revertido e adaptado. Neste sentido, não partiria de formas preexistentes, mas buscaria produzir formas e pensamentos novos. O mapa seria parte do rizoma, na medida em que é aberto e conectável a qualquer tempo;
6. **Rizomático (em oposição ao arborescente):** O arborescente pressupõe uma linha evolutiva, organiza e estrutura a forma seguindo hierarquias, o que implica linearidade temporal, sequencial. Já o rizomático, é uma antigenealogia, uma antimemória, implicando em um registro gráfico onde pode existir uma sobreposição de ideias distintas ou desconexas, que aconteceram em diferentes tempos;
7. **Vetor/ Flecha:** Consideramos as flechas um elemento importante de análise quando estas atuam como vetores apontando para uma condensação de movimento, de forças intensivas. O que denota uma abstração formal e uma predileção à observação das forças, como também, dos movimentos em detrimento dos objetos.

## 5 ANÁLISES

Como estudo de caso, selecionamos três registros gráficos de Jáuregui que possuem distância temporal similar entre si, realizados nos anos de 2003, 2007 e 2012; e que englobam intervenções pertencentes a diferentes programas – a primeira ao programa favela-bairro, e as duas últimas ao PAC (programa de aceleração do crescimento). A seguir, analisaremos tais registros gráficos, principalmente, a partir do recorte de “cenas” que consideramos expressivas. No texto está indicado entre parênteses o número de quais características diagramáticas, sistematizadas e enumeradas na parte anterior, estamos reportando.



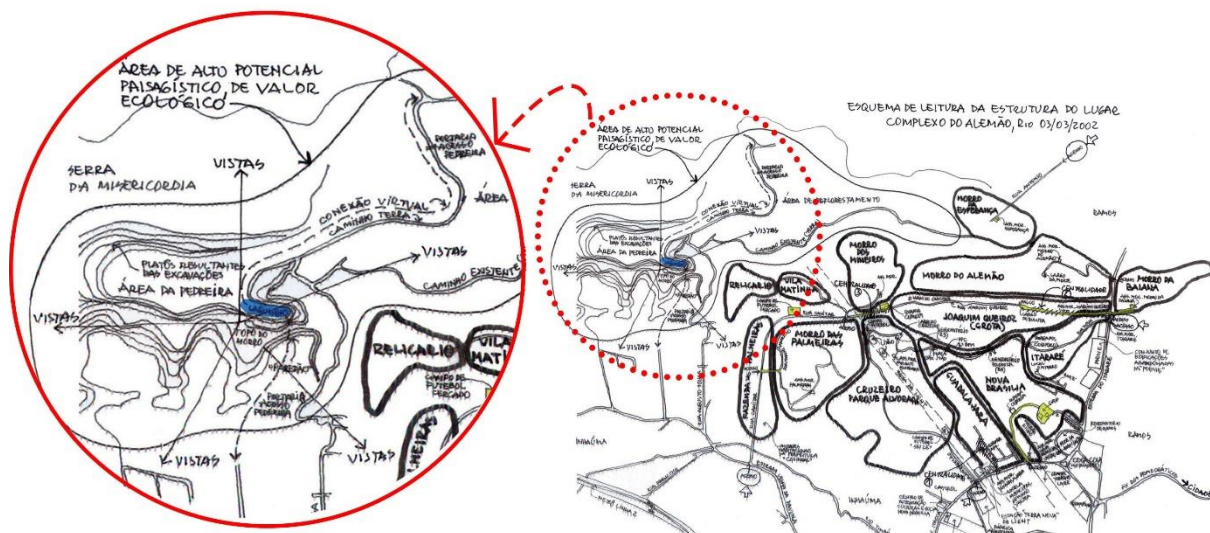
Figura 1: Registro gráfico – Rio das Pedras, Rio de Janeiro, 2003.



Fonte: Adaptado de Jáuregui e Veras, 2017.

**Cena 01:** Nesse registro existe o predomínio de hachuras imprecisas que fazem o papel de mancha (1) e estão espalhadas por várias regiões do papel. A mancha que Jáuregui chama de “centro comercial” não traça um limite preciso, mas toma conta de toda uma extensão de maneira flexível, não formalizada. A “área de taboa” também possui uma grande quantidade de traços manuais que indicam uma dispersão, deixando os limites abertos. Neste registro como um todo é perceptível o decalque de elementos como limites de rua e edifícios; contudo, ao mesmo tempo, diversas informações e impressões sobre o local são sobrepostas, como: topografia, “visuais”, centralidades, limites imprecisos entre bairros, o que caracterizaria um mapeamento (5) produzido a partir da experiência do local, e não somente de decalques de elementos formais ou estruturais. A região “areal I” está representada como uma espécie de grid ou malha, indicando um parcelamento do bairro; tais linhas que constituem a malha, embora sejam segmentos de reta, estão subordinadas aos pontos em que se cruzam, ou seja, buscam a estruturar este espaço, baseado em um tipo de reconhecimento (cognição baseada no reconhecimento). Em contrapartida, coexistem linhas mais livres (4), delimitando com certa imprecisão a área de “areal I” da “área de taboa”.

Figura 2: Registro gráfico – Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, 2007.

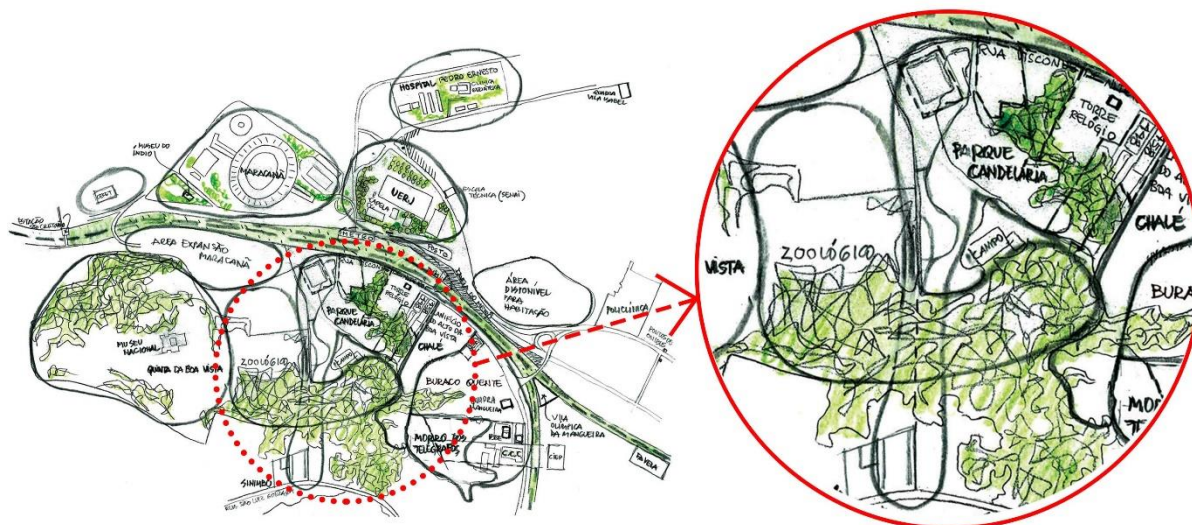


Fonte: Adaptado de Jáuregui e Veras, 2017.

**Cena 02:** Uma das intenções explicitadas pelo arquiteto ao realizar o plano de intervenção do complexo do alemão (JÁUREGUI, 2019b), era promover a conectividade do lugar com os bairros do entorno, e com a “cidade”. Essas intenções são registradas graficamente em suas leituras do local; Jáuregui faz o decalque de ruas existentes, e traça uma linha pontilhada indicando uma “conexão virtual” (5) através de espaços ainda não existentes; ou seja, realiza uma contração do que existe, porém, já encaminhando para o que pode vir a existir: diagramação de potenciais. Tal abertura de novas conexões entre elementos é característica de um mapeamento rizomático (6), da sobreposição de diferentes tempos nos registros, que funcionaria através de um pensamento não linear, que opera por saltos temporais. Por fim, observamos várias flechas acompanhadas da palavra “vistas” (7). Podemos considerá-las registros de forças informais que afetaram o arquiteto, fazendo com que esse apontasse a direção de tais atratores.



Figura 3: Registro gráfico – Mangueira, Rio de Janeiro, 2012.



Fonte: Adaptado de Jáuregui e Veras, 2017.

**Cena 03:** A gestualidade (2) é uma característica predominante nesta cena. As linhas que se entrelaçam com as manchas verdes escapam do controle visual a todo momento, rompem os próprios limites e setorizações feitos pelo arquiteto. Essas linhas participam de uma linguagem analógica (3) na medida em que não possuem nenhuma codificação prévia do seu significado; dessa forma, enquanto receptores, estabelecemos uma relação de dependência em função do que pode ser deduzido. Os contornos (em penas mais grossas) que delimitam setores como “zoológico” ou “parque candelária”, ao mesmo tempo em que buscam uma estruturação do local, procurando estabelecer zonas de reconhecimento, incorporam uma tensão entre o olho e a mão, formando zonas intersticiais e indefinidas, propriamente produtos de um confronto do olho, que busca a precisão, com a mão, que preza pelo gestual. Em oposição às zonas intersticiais, existem zonas que acumulam sobreposições de manchas e sucessões de contornos, que incorporam uma diversidade de códigos/ modulações do informal, aplicados pelo arquiteto.

## 6 CONCLUSÃO

A partir da análise destes diagramas, através do quadro de características extraído dos textos de Deleuze (2005) e Deleuze e Guattari (2011), foi possível encontrar todos os traços levantados nos registros de Jáuregui. A análise qualitativa destes traços nos permite discutir como a informalidade da cidade conflita com os modos convencionais de representação. É importante destacar o papel do diagrama entre a cidade percebida e a ser criada, funcionando mais como mapa que decalque.

Também devemos sobressaltar que os traços de informalidade convivem com outros pertencentes à formalidade ou à codificação. Essas características possuem diferentes graus de aproximação ora à forma externa e interna (estrutural) dos elementos - como os contornos das ruas e de edifícios, ou malhas/ *grids*; ora da modulação diagramática do informal, caracterizada pelos contornos imprecisos, linhas gestuais, entre outros. Encontramos mesclas de uma diversidade de traços informais e formais, detectando códigos, analogias comuns e analogias estéticas.

Os traços informais nos registros de Jáuregui permaneceram controlados, limitados a algumas regiões do papel, alguns buscaram forças infraestruturais e potencialidades. Esta pesquisa prosseguirá analisando o papel destes traços dentro do processo de projeto do arquiteto através de entrevistas presenciais. Contudo, podemos dizer que compreendemos a finalidade da diagramação na informalidade, entendendo como o ato de construir linhas auxilia na fuga da reconhecimento e a proceder por experiências ancoradas no real, em detrimento do ideal ou “oficial”.

## 7 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## 8 REFERÊNCIAS

D’ALENÇON, P. A. et al. Interrogating informality: Conceptualisations, practices and policies in the light of the New Urban Agenda. *Habitat International*, [s.l.], v. 75, p.59-66, maio 2018. Elsevier BV.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.habitatint.2018.04.007>

DELEUZE, G.. *Foucault*. Tradução Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pintura:el concepto de diagrama*. Buenos Aires: Cactus, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 1 v.

DOVEY, K. Informalising Architecture: The Challenge of Informal Settlements. *Architectural Design*, [s.l.], v. 83, n. 6, p.82-89, nov. 2013. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/ad.1679>.

JACQUES, P. B.. *Estética da Ginga*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

JÁUREGUI, J. M. *Diagramas*. Disponível em: <<http://www.jauregui.arq.br/diagramas.html>>. Acesso em: 1 abr. 2019a.

\_\_\_\_\_. *Estrategias de articulación urbana*. Rio de Janeiro: Mare Soria, 2013.

\_\_\_\_\_. *Favelas: Projeto de articulação socio-espacial - Complexo do Alemão (Escala Territorial)*. Disponível em: <[http://www.jauregui.arq.br/favelas\\_alemao.html](http://www.jauregui.arq.br/favelas_alemao.html)>. Acesso em: 1 maio 2019b.

JÁUREGUI, J. M.; VERAS, V. Diagramas / Atos de hesitação – os croquis de investigação do arquiteto Jorge Mário Jáuregui. *Oculum Ensaios*, [s.l.], v. 14, n. 1, p.10-43, 21 jun. 2017.



ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E  
POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



KWINTER, S. The Hammer and the Song. *Oase: diagrams* (Rotterdam), n.48, 1998, p.34

LUTZONI, L. In-formalised urban space design. Rethinking the relationship between formal and informal. *City, TerritoryAndArchitecture*, [s.l.], v. 3, n. 1, p.1-14, 22 out. 2016. Springer Nature.

<http://dx.doi.org/10.1186/s40410-016-0046-9>

MARICATO, E. *As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: Planejamento urbano no Brasil*. In: ARANTES; VAINER ; MARICATO. *A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 121-192.

MCFARLANE, C. Rethinking Informality: Politics, Crisis, and the City. *Planning Theory & Practice*, [s.l.], v. 13, n. 1, p.89-108, mar. 2012. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/14649357.2012.649951>

MONTANER, J. M. *Do diagrama às experiências rumo a uma arquitetura de ação*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

ROY, A. Urban Informality: Toward an Epistemology of Planning. *Journal Of The American Planning Association*, [s.l.], v. 71, n. 2, p.147-158, 30 jun. 2005. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/01944360508976689>



PROJETAR  
GRUPO DE PESQUISA EM  
PROJETO DE ARQUITETURA  
E PERCEÇÃO DO  
AMBIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



ARQUITETURA E URBANISMO - UFRP



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PLANEJAMENTO URBANO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



UNIVERSIDADE  
POSITIVO